

MULHER TRANS E FUTURA PEDAGOGA – A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE PALOMA LORRANY NO SERTÃO DE ALAGOAS.

Ana Cristina Conceição Santos (1); Paloma Lorrany de Lima (2)

(1) Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Email: ana.santos1@delmiro.ufal.br; (2) Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão. Email: tonylimaferra@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como finalidade compreender os desafios enfrentados por Paloma Lorrany, mulher trans e estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, no seu processo educacional levando em conta as subjetividades que envolvem todo esse percurso. Para o desenvolvimento dessa pesquisa trabalhamos com as seguintes categorias: identidade de gênero, transexualidade, subjetividade e educação. Utilizamos como metodologia a (auto)biografia no qual a subjetividade da pesquisada, que é também co-autora deste artigo, é revelada a partir de suas narrativas evidenciando os obstáculos e as formas de sobrevivência e enfrentamentos as violações de sua identidade de gênero.

Palavras-chave: Transexualidade, Identidade de Gênero, Educação.

INTRODUÇÃO

O não se reconhecer em um corpo masculino é experienciado por Paloma Lorrany desde sua infância. Quando ela frequentou o pré-escolar teve dificuldades de se adaptar e socializar-se na turma porque as e os colegas a viam como diferente e essa dificuldade permaneceu durante toda sua escolarização.

Ao ingressar, em 2016, como estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, Paloma Lorrany, que ainda usava o nome masculino de registro, começou a requerer algo que sempre lhe foi negado: o de ser tratada como mulher. Essa decisão foi fortalecida após os primeiros contatos com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES/UFAL) que a estimulou a reivindicar esse espaço na universidade e a usar o seu nome social. A gestão do campus também contribuiu para que sua identidade de gênero fosse respeitada através do diálogo para entender se existia uma demanda específica da estudante.

Paloma Lorrany é também coautora deste texto e por isso essa (auto)biografia é escrita a quatro mãos, ou seja, pelo olhar de fora, da autora, que busca ter uma escuta ativa e sensível de modo a apreender que “através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes” (SOUZA, 2007, p. 69) e a autobiografada se redescobriu através de suas narrativas e reposicionando suas ações a partir do aprofundamento teórico.

Desta forma, destacamos como objetivo para este trabalho compreender os desafios que Paloma Lorrany vem enfrentando no seu percurso educacional na construção da sua identidade de gênero.

METODOLOGIA

Privilegiamos para essa pesquisa a metodologia (auto) biográfica, pois a mesma considera as subjetividades do sujeito e “a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação”. (SOUZA, 2007, p. 11).

Esse método “possui uma especificidade heurística, que impede o entendimento das biografias como meramente materiais justapostos, isto é, apenas como protocolos dos conhecimentos sociológicos, traduzidos em informações.”. (SANTOS e GARMS, 2014, p.4096). Portanto, é um erro considerar esse tipo de metodologia para fazer generalizações ou exemplificar casos, pois tal uso desqualificaria esse tipo de abordagem.

Utilizamos como técnicas as narrativas de Paloma Lorrany sobre seu percurso educacional e nesse fio condutor a mesma desvela como foi se constituindo sua identidade de gênero feminina na relação social com outros sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A visão binária (homem/mulher) renuncia a existência das pessoas transgêneros¹, pois “a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais.” (BENTO, 2008, p.17). Deste modo, o pensamento que o sexo (biológico) e gênero (social) estão ligados de maneira fixa e imutável colabora para o aumento dos preconceitos e violações de direitos dos sujeitos que não reconhecem seu gênero atrelado ao sexo biológico de nascimento.

Bento (2008) considera a transexualidade como “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros nos corpos” (p. 19), como já demonstramos o sexo não tem relação direta com a identidade de gênero assumida pelo sujeito e, na

¹ Como esse termo ainda não é consensuado por pesquisadoras e pesquisadores então iremos privilegiar a definição apresentada por JESUS: “Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. A vivência do gênero como: 1. Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como 2. Funcionalidade (representado por crossdressers, drag queens, drag kings e transformistas).” (2002, p.07).

maioria dos casos, as pessoas transexuais aspiram modificar os seus corpos de forma a se aproximar o máximo possível do gênero que se identificam e o situa na sociedade.

Nesse sentido, a subjetividade está presente no constructo da identidade transexual e entendemos por subjetividade “tudo aquilo que concorre para a produção de um ‘si’, um modo de existir, um estilo de existência.” (SOARES e MIRANDA, 2009, p. 416). Trabalhar com essa categoria nos permite considerar as narrativas de Paloma Lorrany ao falar sobre os conflitos enfrentados na família e em sua trajetória educacional ao desejar vestir-se com roupas consideradas femininas.

Paloma narra que seu processo de escolarização foi prejudicado pelas violências sofridas e menciona que dos sete aos nove anos não conseguia obter rendimento escolar, repetindo várias vezes de ano, em decorrência das agressões verbais e ter a sensação de ter uma doença contagiosa por tanta ojeriza que os colegas do sexo masculino sentiam dela.

Ao ingressar na universidade, Paloma pôde vivenciar de um espaço acolhedor, mas ela afirma que há ainda os estranhamentos e olhares que tentam desaprovar sua permanência na UFAL. No entanto, a rede de apoio construída que envolve professoras e professores, estudantes, entre outros, além da aprovação pelo Conselho Universitário da UFAL, em junho de 2016, do nome social nos registros funcionais e acadêmicos possibilitou que Paloma pudesse exteriorizar seu gênero feminino. Ela diz que a cada dia se sente mais mulher.

César comenta sobre a importância do nome social para as e os estudantes transexuais:

O reconhecimento do nome social representa a forma principal de produção da subjetividade na experiência contemporânea da transexualidade. Os artefatos escolares como as listas de chamada, os exames e mesmo uma simples abordagem em sala de aula fazem uso dos nomes e estes nomes estão demarcados no interior das regras normativas do sistema corpo-sexo-gênero (2009, p. 12).

CONCLUSÕES

A construção da identidade de gênero das pessoas transexuais perpassa por conflitos, violências e violações de direitos, pois a sociedade é tecida por uma lógica heteronormativa no qual o sexo biológico está relacionado ao gênero dos sujeitos. Paloma Lorrany rompe com essa lógica na sua construção identitária o que leva a vivenciar opressões e superá-las nessa sociedade transfóbica e heteronormativa.

Assim como Paloma, transexuais femininas e masculinas procuram ser respeitadas na sociedade e ter direitos garantidos como acesso a uma educação que reconheçam esses sujeitos como cidadãs e cidadãos plenos.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Universitário da UFAL que aprovou, no ano de 2016, o uso do nome social para travestis, transexuais, transgêneros e intergêneros e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES) por nos contemplar (negrxs, LGBTs, entre outros) em suas discussões e ações.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In: XAVIER FILHA, C. (Org.). **Educação para a sexualidade**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis equidade de gênero e para a diversidade sexual. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores... São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141766>>. Acesso em 12 jan. 2016.

SOARES, L. B.; MIRANDA, L. L. Produzir subjetividades: o que significa? In **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 9(2), 408-424. Acesso em 28 de agosto, 2015, em <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>. Acesso em 03 ago. 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., e HETKOWSKI, TM. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. . Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 23 fev. 2017.